

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

JÚLIA CALDERAZZO

ÔNIBUS 174, O Documentário:  
Contribuições da Psicanálise para a compreensão de uma história de invisibilidade  
social.

Trabalho de conclusão de curso como  
exigência parcial para graduação no  
curso de Psicologia, sob orientação  
da Profª Drª. Regina Fabbrini

São Paulo  
2009

Ao Guará e à Beatriz

Autor: Júlia Calderazzo

ÔNIBUS 174, O DOCUMENTÁRIO: Contribuições da psicanálise para a compreensão de uma história de invisibilidade social, 2009.

Orientador: Profª Regina Fabbrini

### Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar a história de Sandro Nascimento, personagem principal do documentário “Ônibus 174”, utilizando, para tanto, alguns conceitos importantes da teoria psicanalítica. Assim, descreveremos um percurso (possível) sobre a constituição do sujeito e a importância do ambiente neste processo. Além disso, abordaremos a questão da resiliência, considerando a possibilidade de uma intersecção entre este constructo teórico e as referências encontradas nos estudos em psicanálise. Uma retrospectiva histórica a respeito da questão do “menor” e das instituições de internação – no estado do Rio de Janeiro - para adolescentes em conflito com a lei, tornará possível uma reflexão mais aprofundada sobre a história de nosso personagem principal. Por fim, antes de iniciarmos a discussão, que contemplará os resultados da pesquisa, descreveremos uma possível reconstrução da história de Sandro Nascimento, a partir de fragmentos extraídos de jornais, revistas e artigos acadêmicos, além do próprio documentário.

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| I – Introdução.....   | 5  |
| II – Método.....  | 8  |
| III – Um percurso possível sobre a constituição do sujeito para a Psicanálise   |    |
| III.1 – Freud, as fases de desenvolvimento libidinal e o Complexo de Édipo.....   | 10 |
| III.2 – A importância do ambiente no processo de constituição do sujeito.....   | 15 |
| III.3 – Alguns comentários de Bowlby sobre a dualidade pulsional do bebê.....   | 18 |
| IV – Resiliência: Pensando as possibilidades do sujeito de fazer frente às condições adversas que o atingem.....  | 19 |
| V – A questão do adolescente em conflito com a lei e o surgimento das primeiras instituições de internação no estado do Rio de Janeiro.....                       | 22 |
| V.1 – As instituições de internação para adolescentes em conflito com a lei no Rio de Janeiro.....  | 24 |
| VI – A história de Sandro, recontada a partir de fragmentos (Documentários, recortes de jornais e revistas, depoimentos encontrados em trabalhos acadêmicos)..... | 25 |
| VI.1 – Alguns relatos de pessoas que conviveram com Sandro, ao longo de sua vida.....   | 29 |
| VI.2 – A (des) ordem social e a legitimação da violência: A Chacina da Candelária.....  | 31 |
| VII – Discussão.....  | 33 |
| VIII – Considerações finais.....  | 38 |
| IX–Referências.....   | 40 |

A relevância do presente estudo surge no sentido de compreendermos as múltiplas determinações que levaram o jovem Sandro Nascimento ao ato criminoso que culminou em sua morte – e de uma de suas reféns – no ano de 2000.

Para tanto, é necessário pensarmos em uma análise multidisciplinar do caso "Ônibus 174", que dê conta de levantar questões sobre os caminhos da criminalidade – e da violência – em tempos atuais. Precisamos pensar o ato infracional como uma manifestação que revela, ao mesmo tempo, algo da experiência singular e, simultaneamente, da experiência coletiva.

Não há como estudarmos a cena que deu visibilidade a Sandro Nascimento, o protagonista da trágica história revelada no filme, sem nos enredarmos pelos tortuosos caminhos que buscam a compreensão das condições sociais e históricas que perpassam as individualidades. Assim, devemos sempre estar atentos ao fato de que, muitas vezes, a violência tem várias expressões, algumas delas bastante silenciosas: o preconceito, a exclusão, a indiferença diante do sofrimento alheio sendo apenas algumas delas.

Existe ainda a violência bastante objetiva, que aumenta a invisibilidade de suas vítimas e que acomete a população socialmente vulnerável, mais do que a qualquer outro grupo: são as agressões físicas, que se manifestam de forma indiscriminada por parte dos detentores da lei (a polícia é, muitas vezes, um exemplo) e que só fazem aumentar a impotência dos agredidos.

Sandro tornou-se visível aos olhos do mundo no momento em que sequestrou o veículo "174"; para ele, naquele momento crucial, estavam excluídas as suas possibilidades de inclusão na sociedade. Contudo, seria esta mesma sociedade que, paradoxalmente, deveria negociar com ele os limites de sua atuação.

Recentemente, mais precisamente desde a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, muitos estudos têm sido realizados na busca de uma compreensão do conjunto de fatores que podem estar contribuindo para aumentar a vulnerabilidade do grupo em questão; as pesquisas têm sido feitas em diferentes áreas que incluem a Medicina, a Sociologia, a Filosofia, a História, a Psicologia, entre outras.

A Psicanálise nos traz, desde os primeiros estudos realizados por Sigmund Freud, contribuições importantes para a compreensão do processo de constituição do

sujeito. Assim, o presente estudo fará uso de alguns conceitos trabalhados na área, em uma tentativa de explicarmos a importância das construções psíquicas nos primeiros anos de vida e suas consequências para todo o desenvolvimento que sucederá esta primeira etapa. Assim, Freud, Winnicott e Bowlby foram escolhidos como referências importantes para explicarmos as possíveis influências dessas fases iniciais sobre as escolhas individuais que se consolidarão em momentos posteriores (no final da infância, adolescência e fase adulta).

Utilizando contribuições provenientes de outras áreas, usaremos então o conceito de resiliência – recentemente absorvido pela Psicologia – como uma forma de ampliarmos a discussão já iniciada no capítulo anterior, a respeito das influências do ambiente (no qual se inclui a família) e das condições históricas e sociais sobre as escolhas individuais.

Neste sentido, Assis *et al.* (2004) trazem contribuições importantes ao revelarem que a resiliência resulta de uma combinação de fatores, reunindo atributos individuais das crianças e jovens, somados às condições ambientais (familiares, sociais e culturais) que perpassam a vida de cada um.

Oliveira e Assis (1999), em um artigo escrito para os *Cadernos de Saúde Pública*, fazem uma análise bastante relevante sobre a condição dos adolescentes infratores no Rio de Janeiro e as instituições que se propõem a ressocializar os mesmos. Tal estudo também garantiu importantes contribuições para a realização da presente pesquisa.

Alguns autores, tais como Trassi (2006) e Vicentin (2005), possibilitaram um aprofundamento das questões relacionadas às experiências dos adolescentes em conflito com a lei, vinculadas às instituições de internação pelas quais passaram. Neste sentido, consideramos importante ressaltar que, embora as obras consultadas descrevam a situação de jovens na cidade de São Paulo, entendemos que as instituições de diferentes estados seguem os mesmos princípios de funcionamento.

Ao buscarmos reconstruir a história de Sandro a partir de fragmentos extraídos não apenas do documentário, mas também de jornais, revistas e outros veículos de comunicação, buscaremos então a resposta ao nosso problema de pesquisa, qual seja: “*Quais as possíveis influências do processo de constituição do sujeito sobre as*

*escolhas feitas por Sandro Nascimento ao longo de sua vida?*

Assim, buscamos com o presente estudo esclarecer as múltiplas determinações que levam um ser humano se posicionar, violentamente, em oposição às regras socialmente, historicamente e culturalmente estabelecidas.

## MÉTODO

Neste trabalho tomamos o documentário “Ônibus 174”, para, através do drama vivido por seu personagem central, Sandro Nascimento, discutirmos alguns determinantes que entram em jogo nos fenômenos da violência e criminalidade ocorridos nas grandes cidades. Para isto realizamos uma leitura que necessariamente levou em conta, de um lado as determinações possíveis presentes nas situações de pessoas em condições de vulnerabilidade social, e, de outro, aquelas referentes à constituição do sujeito, aqui segundo a lógica da teoria psicanalítica.

Partimos de alguns estudos de Freud (principalmente aqueles realizados depois de 1921) e também outros autores importantes para a compreensão do processo de constituição do sujeito – e suas vicissitudes – que foram Winnicott e Bowlby. A leitura das obras desses estudiosos possibilitou nossa compreensão das relações possíveis entre a construção do psiquismo humano e os vínculos estabelecidos pelo sujeito (na adolescência e fase adulta) com o meio no qual está inserido.

Psicanalistas e psicólogos contemporâneos, tais como Trassi (2006) e Vicentin (2005), garantiram um aprofundamento das discussões acerca dos adolescentes autores de ato infracional e suas possibilidades de manifestação frente à opressão social. Assim, embora não tenham sido diretamente citados neste estudo, serviram de incentivo para a análise que ora empreendemos.

Fontes (2004) e suas descrições de famílias em situação de risco também foram selecionadas como fonte de pesquisa para que pudéssemos ampliar nossa compreensão da situação dos jovens em conflito com a lei e a importância dos vínculos dos mesmos com suas respectivas famílias (embora saibamos que Sandro, desde os dez anos de idade, foi para as ruas, cortando quaisquer vínculos familiares).

Materiais extraídos de páginas de jornais e revistas “on-line” foram de suma importância para a reconstrução, da forma mais fidedigna possível, da história de Sandro Nascimento.

Outros materiais retirados da internet foram artigos de pesquisadores que, embora não tivessem o foco no caso “Ônibus 174”, garantiram contribuições significativas para o aprofundamento de nosso entendimento sobre como são feitas as

escolhas individuais.

Assim, instrumentalizados para a realização de uma (possível) análise da história de Sandro e dos caminhos que o levaram ao sequestro do Ônibus 174, iniciamos a nossa análise de um percurso existencial, a história do menino Sandro e de muitos outros meninos.

## **Freud, as fases de desenvolvimento libidinal e o Complexo de Édipo**

Os estudos de Freud foram – e ainda são, nos dias atuais – de fundamental importância para a compreensão do processo de constituição do sujeito. Para ele, a constituição do psiquismo humano se dá a partir das trocas que vão sendo realizadas entre indivíduos em constante interação; em um momento inicial, o sujeito em processo de desenvolvimento – físico e psíquico – é absolutamente dependente do outro e é exatamente este outro, presente em seus primeiros anos de vida, que poderá garantir que o bebê, e posteriormente a criança e o adulto, realizem trocas de qualidade com o mundo.

Para que o desenvolvimento seja possível, é necessário que o psiquismo humano se torne cada vez mais sofisticado e complexo, tanto em relação aos fatores intrapsíquicos (fatores dinâmicos e econômicos entre as instâncias psíquicas) quanto ao que diz respeito aos fatores interpsíquicos (das trocas possíveis entre o bebê e o mundo).

Freud explicou – por meio da metapsicologia freudiana e suas descrições do aparelho psíquico – algumas características de funcionamento do psiquismo humano. De acordo com seus estudos, o aparelho psíquico movimenta-se a partir de uma determinada energia que, transmitida e transformada, diferencia-se em instâncias (ego, id e superego) que, além de coexistirem, relacionam-se umas com as outras.

O Id se caracteriza por ser o principal representante do inconsciente; constitui o reservatório inicial da energia psíquica e é onde se localizam tanto os conteúdos hereditários e inatos, quanto aqueles que não puderam permanecer na consciência. O Ego se diferencia a partir do Id e tem o papel de mediar o conflito – permanente – entre as exigências deste e aquilo que é captado da realidade exterior. O superego surge como resultado da dissolução do Complexo de Édipo (sobre o qual discorreremos adiante) e se constitui a partir de uma diferenciação do ego. Representa uma retenção do caráter paterno.

A função do aparelho psíquico é a de manter baixo o nível de excitação interno. Para tanto, ele se movimenta no sentido de descarregar a energia já presente e de evitar estímulos que aumentem a excitação. De início, atua de maneira reflexa,

buscando afastar quaisquer estímulos e descarrega, por via motora, toda excitação sensorial que recai sobre ele. Contudo, esta forma de funcionamento demonstra ser parcialmente ineficiente: quando o bebê está com fome, por exemplo, não há atividade motora que possa dar conta de suprir sua necessidade de satisfação e pôr fim ao estímulo interno (fome). Assim, ele necessita de um auxílio externo, a mãe, para que possa vivenciar a satisfação de seu desejo – já que não possui recursos para dar conta sozinho desses estímulos. A partir de então, a vivência interna, desde que devidamente atendida, passa a estar vinculada a essa experiência de satisfação.

De outro modo, sempre que um estímulo denuncia a possibilidade de uma experiência dolorosa, o aparelho psíquico se retrai de sua percepção. Quando ela se repete, o aparelho esforça-se por fazer com que ela desapareça; se algo traz lembranças (traços mnêmicos) da vivência em questão, há um movimento de evitação que visa poupar o desprazer. Este modo de funcionamento se caracteriza por uma tentativa do ego no sentido de manter no inconsciente representações que, uma vez na consciência, suscitariam conflitos entre as instâncias psíquicas. Este processo é denominado recalçamento.

Como já dito anteriormente, é na relação entre o ambiente interno (no qual se situam as experiências afetivas) e o ambiente externo (experiências com os outros) que o indivíduo constrói seu psiquismo e se constitui como sujeito; é desta forma que ele vai, gradualmente, escolhendo como se posicionar diante das experiências que o põem em contato com o mundo.

Em "A dissolução do Complexo de Édipo" (1924), Freud discorre sobre um fenômeno que, segundo ele, é de incontestável importância para a formação das estruturas psíquicas que acompanharão o indivíduo por toda a sua vida. Assim, ele escreve:

"O Complexo de Édipo revela sua importância como fenômeno central do período sexual da primeira infância. Após isso, se efetua sua dissolução, ele sucumbe à regressão, como dizemos, e é seguido pelo período de latência."  
(v. XIX, p. 193)

Entendemos ser de suma importância que possamos esclarecer, ainda que de forma sucinta, a que se refere isso a que Freud denominou Complexo de Édipo; fundamentado no mito de Sófocles, Édipo-Rei, o fenômeno em questão remete à situação na qual um menino, ainda experienciando a primeira infância, apaixona-se por sua mãe e passa a ver seu pai como um rival – aquele que proibirá a relação incestuosa.

Diferentemente do que acontece na mitologia grega – em que Édipo desposa sua mãe, Jocasta – o pai, tal como descrito por Freud, tem o poder efetivo de barrar a relação incestuosa e é de fundamental importância que o faça (assim se tornará possível a estruturação do superego, sobre o qual discorreremos adiante).

Antes, julgamos ser relevante descrever, ainda que de maneira sucinta, as fases pelas quais a criança passa; em um primeiro momento, denominado fase oral, o bebê, absolutamente dependente da figura materna, tem seu prazer sexual totalmente ligado à alimentação. É pela atividade de nutrição – e toda a excitação inerente, ligada à cavidade bucal – que a criança organiza as suas relações com a realidade exterior. Nesse sentido, a meta do bebê é a incorporação dos objetos com os quais se relaciona. Deste processo inicial é que surge, posteriormente, a possibilidade de identificação. Em um segundo momento, que tem início por volta dos dois anos e termina aos quatro, aproximadamente, as relações de objeto<sup>1</sup> estão absolutamente vinculadas à função de defecação. As significações resultantes deste processo revelam as relações da criança com a atividade de expulsão e retenção das fezes, ou seja, da possibilidade de controle do meio.

Por fim, a fase fálica surge após este período, como contemporânea do Complexo de Édipo; já do terceiro ano de vida em diante, a criança demonstra objetivamente, a existência de uma atividade sexual. Relembrando agora o mito descrito por Sófocles, o menino, neste momento, investe todo o seu desejo de amor na figura materna e rivaliza com seu pai pelo afeto disponível. Contudo, ao reconhecer o genital feminino – e a ausência de um pênis, que se caracteriza pela principal diferença

---

<sup>1</sup> De acordo com Laplanche e Pontalis (1982) “*Enquanto correlativo da pulsão, ele é aquilo em que e por que esta procura atingir sua meta, isto é, um certo tipo de satisfação. Pode tratar-se de uma pessoa ou de um objeto parcial, de um objeto real ou de um objeto fantasístico.*” (p.321)

anatômica entre os sexos – o menino passa a considerar a possibilidade de ser castrado e, sob a eminente ameaça, tende a abandonar seu interesse pela mãe.

Assim, dizemos que a dissolução (ou destruição, como Freud denominou em alguns de seus escritos) do Complexo de Édipo ocorre, segundo o autor, em função da ameaça de castração. O desfecho desta situação ocorre quando a criança, obrigada a abandonar seu objeto de desejo, introjeta a autoridade exercida por seu pai, constituindo aquilo que, em Psicanálise, chamamos de superego (ideal do ego).

O superego é a instância psíquica que faz a mediação entre as necessidades individuais no sentido de obtenção – constante – de prazer (a despeito das consequências inerentes a essa conquista) e as exigências da moralidade que possibilitam as construções coletivas. Ou seja, ele atua como uma "consciência" – às vezes excessivamente crítica – que possibilita que façamos uma distinção entre "certo" e "errado", de acordo com aquilo que introjetamos da autoridade e severidade parental.

"O superego de uma criança é, com efeito, construído segundo o modelo não de seus pais, mas do superego de seus pais (...) os conteúdos que ele encerra são os mesmos, e torna-se veículo da tradição e de todos os duradouros julgamentos de valores que dessa forma se transmitiram de geração em geração. " (v.XXII, p.72)

Nosso superego é, portanto, herdeiro do superego de nossos pais. Uma vez realizada a descrição de sua importância para o funcionamento do aparelho psíquico, é importante ressaltarmos que a sua formação se dá de maneira inerente ao processo que denominamos identificação; Em um momento inicial, a criança (o menino, neste caso) identifica-se com seu pai e deseja possuir sua mãe. Durante algum tempo, ela permanece nutrindo um grande afeto pela figura paterna e desejando a mãe, sem que tal situação se caracterize como um problema em seu desenvolvimento; já descrevemos que, durante a fase fálica, o menino passa a rivalizar com seu pai pelo amor de sua mãe, mas, ao perceber a ameaça de castração, abandona os investimentos feitos na figura materna e, como já dito anteriormente, toma a figura paterna como modelo, introjetando características de sua personalidade e identificando-

se com a mesma.

Para fins do presente estudo, é importante ressaltar que, se em um momento inicial o processo de identificação se dá, principalmente, com relação às figuras parentais, o que sucede, contudo, é que as identificações continuam a ocorrer, ao longo da vida, relacionadas a outras figuras importantes na vida de cada indivíduo. Assim, diz Freud (1921):

“Já começamos a adivinhar que o laço existente entre os membros de um grupo é da natureza da identificação (...) baseada numa importante qualidade emocional comum, e podemos suspeitar que essa qualidade comum reside na natureza do laço com o líder.” (v.XVIII, p. 117)

Assim, se as primeiras identificações estão vinculadas às relações estabelecidas com as figuras parentais, conforme a criança cresce, passa a introjetar características de outras figuras de referência; de início, educadores, professores e outras figuras de autoridade podem ser representantes de objetos de identificação. Aos poucos, a partir de um reconhecimento de tudo aquilo que é valorizado em uma determinada sociedade, o indivíduo constrói outras possibilidades de reconhecimento de figuras “de valor”. Assim, surge a possibilidade de identificação com diferentes pessoas e grupos que podem até mesmo estar socialmente marginalizados, mas serem importantes referências para uma certa comunidade ou grupo social.

## **A importância do ambiente no processo de constituição do sujeito**

Utilizar os estudos de Winnicott como referencial teórico desta pesquisa, justifica-se pelo fato de ter sido este autor um grande estudioso das relações humanas, garantindo especial atenção aos vínculos estabelecidos pelo indivíduo em seus primeiros contatos com o mundo. Por meio da análise de alguns de seus textos, pudemos compreender que muitas das escolhas que revelam as histórias de cada sujeito estão intrinsecamente relacionadas às primeiras relações estabelecidas entre a criança e o ambiente no qual a mesma esteve inserida.

Winnicott não se contrapõe às descobertas realizadas por Freud. Seus estudos caminham no sentido de uma ampliação da compreensão já obtida, garantindo especial importância às fases iniciais de desenvolvimento que, segundo ele, configuram situações cruciais no processo de constituição do sujeito.

Winnicott ressalta que a presença da mãe é de fundamental importância, principalmente em uma fase em que o bebê tem uma ilusão de fusão com a mesma, acreditando que ele e ela são a mesma pessoa, ou seja, ainda não há divisão eu/outro. Inicialmente, é a mãe que apresenta o mundo à criança, satisfazendo, ainda que parcialmente, as necessidades da mesma.

Em um momento inicial, o bebê busca satisfação constante e a motilidade, neste primeiro momento, é sinônimo de agressividade; esta fase é caracterizada por um período em que o sujeito ainda não se percebe como separado de sua mãe e é incapaz de se responsabilizar pelos impulsos (do id) que visam à satisfação. É exatamente este “movimentar-se” que permite ao sujeito descobrir e redescobrir o ambiente, garantindo que, gradualmente, ele perceba e tenha necessidade do não-eu, do outro.

É de suma importância, para que exista saúde, que a criança tenha um ambiente estável que, ao tolerar sua agressividade, permita que ela também a suporte. Nestes primeiros momentos, o lar deve “funcionar”, garantindo que as necessidades da criança sejam satisfeitas, pois, segundo Winnicott (1982), a ineficiência pode ser desastrosa:

“O malogro em satisfazer tais necessidades resulta numa deformação do desenvolvimento da criança (...) quanto mais primitivo for o tipo de necessidade, tanto maior será a dependência do indivíduo em relação ao meio ambiente e mais desastroso o malogro na satisfação dessas necessidades.” (p.208)

Contudo, para a adaptação do bebê às suas necessidades, elas não devem ser inteiramente atendidas; é a impossibilidade da mãe, no sentido de atender integralmente as demandas de seu bebê, que possibilitam que ele possa, gradativamente, integrar ao ego os impulsos do id e, desta forma, exercer seu potencial criativo e transformador;

“Um dos objetivos da construção da personalidade é tornar o indivíduo capaz de drenar cada vez mais o instintual. Isso envolve a capacidade para reconhecer a própria crueldade e avidez, que então, e só então, podem ser dominadas e convertidas em atividade sublimada<sup>2</sup>” (Winnicott, 2002)

É neste momento, quando o bebê começa a perceber que sua mãe tem uma existência separada da sua e, paralelamente, encontra reconhecimento de seus impulsos destrutivos, que ele pode começar a se preocupar com os resultados de sua experiência pulsional; com a ajuda da mãe – e do pai, que deve dar suporte a ela – o bebê pode descobrir seu próprio ímpeto de reparar. Contudo, quando não há quem reconheça o esforço de reparação, os impulsos (agressivos) podem voltar. Segundo Winnicott (2002) *“quando não há saúde, a criança pode (...) concentrar o bom dentro de si e projetar o mau”*. Assim, podemos dizer que, em fases iniciais do processo de constituição psíquica, é de suma importância que o ambiente possa dar suporte para as experiências pulsionais do bebê.

---

<sup>2</sup> A atividade sublimada é caracterizada pelas atividades humanas que, embora não tenham relação direta com a sexualidade, têm como força motriz a pulsão sexual; revela a possibilidade de trocar o objetivo sexual inicial por outra meta, que já não é sexual. Se expressa nas atividades às quais uma determinada sociedade confere valor, principalmente àquelas relacionadas às produções artísticas e de investigação intelectual. (Extraído de *Vocabulário de Psicanálise*, Laplanche e Pontalis, 1982, p. 494)

Em um momento inicial, a criança busca segurança dentro das quatro paredes de seu lar. Para tanto, testa incessantemente a capacidade de seus cuidadores no sentido de suportarem a agressividade da qual ela é capaz. Não obstante, ela busca um reconhecimento de seus impulsos destrutivos e espera que os limites de sua atuação sejam esclarecidos. Assim, como define Winnicott (2002), *"se o lar consegue suportar tudo o que a criança pode fazer para desorganizá-lo, ela sossega e vai brincar"* (p.129).

Desta forma, com o auxílio de um ambiente que seja capaz de acolher os impulsos mais primitivos da criança e a eles estabelecer limites, torna-se possível o desenvolvimento de um bom "ambiente interno", que garantirá a capacidade de envolvimento, bem como a potência para brincar e trabalhar.

Contudo, na ausência de cuidadores capazes de acolher toda a ambivalência presente nas experiências do sujeito em processo de constituição do psiquismo, este, posteriormente, tende a buscar no ambiente externo os limites de sua atuação – que, em última instância, colaborariam para uma certa "organização interna", para o restabelecimento de um sentimento de segurança. Assim, ressalta Winnicott (2002), *"a tendência antissocial caracteriza-se por um elemento nela que compele o meio ambiente a ser importante"* (p.139).

## **Alguns comentários de Bowlby sobre a dualidade pulsional do bebê**

Um outro autor que consideramos ter grande relevância para a fundamentação teórica do presente trabalho é John Bowlby. Seus estudos, embora apresentem alguns aspectos divergentes com relação aos de Winnicott, somam esforços para a compreensão da constituição do sujeito e os conflitos inerentes a esse processo.

Em uma conferência no ano de 1956, intitulada "Psicanálise e cuidados com a criança", Bowlby retoma alguns escritos de Winnicott e ressalta a importância da capacidade de experimentar culpa a partir de determinada idade; discorre sobre a ideia de que ela surge na criança a partir da percepção – e da vontade – da mesma sobre a possibilidade de destruição do objeto de amor. Tal concepção se fundamenta no fato de que, já nos primeiros meses após o nascimento, o bebê experimenta amor e ódio – dirigidos a um mesmo objeto – em igual intensidade. Em um primeiro momento, a culpa inexistente já que, para o bebê, ele e sua mãe são apenas um. A partir de certa idade, passa a percebê-la como pessoa total (separada dele próprio) e então a experiência de culpa torna-se possível. Surge neste momento um intenso conflito pela coexistência dos dois componentes (amor e ódio) e pelo fato de estarem dirigidos a um mesmo objeto.

A possibilidade de regular o conflito tem importância decisiva no desenvolvimento da personalidade do sujeito, e, em contraposição, a impossibilidade de suportar o medo e a culpa gerados neste momento pode aparecer, de maneira subjetiva, em muitos distúrbios de caráter.

" (...) em cada dia de nossas vidas, cabe-nos a tarefa de decidir entre interesses rivais em nosso próprio íntimo e de regular conflitos entre impulsos irreconciliáveis." (Bowlby, 2001, p.21)

Algumas condições geram maior dificuldade para a regulação dos conflitos: a magnitude dos mesmos, assim como a presença de um ambiente externo que impossibilite o reconhecimento da ambivalência da criança, garantindo atenção adequada à mesma, são situações que marcam de forma negativa o indivíduo em seus primeiros anos de vida.

## **Resiliência: Pensando as possibilidades do sujeito fazer frente às condições adversas que o atingem**

Mesmo sendo um conceito exterior à teoria psicanalítica, a necessidade de discorrermos sobre a questão da resiliência no presente trabalho surgiu a partir da compreensão de que as escolhas individuais – feitas ao longo da vida – têm relação com as possibilidades de cada sujeito no sentido de encontrar formas de não sucumbir às adversidades presentes no decorrer de sua história pessoal.

Entendemos que a resiliência tem relações intrínsecas com as experiências dos primeiros anos de vida, logo após o nascimento. A compreensão, fundamentada na teoria psicanalítica, de que as primeiras vivências têm fundamental importância para a constituição da subjetividade, possibilitou o estabelecimento de relações entre as etapas iniciais do processo de constituição do psiquismo humano e a possibilidade de o indivíduo se tornar resiliente.

Antes de buscarmos descrever o conceito, vale a pena considerarmos sua origem etimológica: do latim *resiliens* significa saltar para trás, recuar, voltar, encolher-se, ser impelido, romper. No dicionário da língua inglesa, se encontram duas definições para o termo. [A segunda refere-se à] "habilidade de uma substância de retomar a sua forma original quando a pressão é removida: flexibilidade." Assim, podemos pensar que essa última definição pode ser aplicada tanto para caracterizarmos diferentes materiais, quanto para explicarmos condições individuais.

O estudo do fenômeno resiliência é bastante recente em Psicologia. Pesquisas apontam que, na área em questão, o conceito vem sendo estudado há aproximadamente 40 anos, mas apenas nos últimos 15 anos alguns congressos internacionais deram destaque para este constructo.

Para Rutter (apud Assis *et al.*, 2004):

"Compreende-se resiliência como o conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que possibilitam o desenvolvimento de uma vida sadia, mesmo vivendo em um ambiente não sadio. Este processo resulta da combinação entre os atributos da criança ou jovem e seu

ambiente familiar, social e cultural (...) É um processo interativo entre a pessoa e seu meio, considerado como uma variação individual em resposta ao risco (...) não sendo a resiliência um atributo fixo do indivíduo" (p.135).

Segundo inúmeros estudiosos da área, são muitos os eventos de vida que, atualmente, estariam influenciando a capacidade de resiliência de crianças e adolescentes: vivência de algum tipo de violência – objetiva ou "muda" – tais como condições de pobreza, rupturas na família, experiências de perdas significativas seriam alguns importantes exemplos de eventos estressores que atuariam como fatores de risco.

Muitos pesquisadores da área ressaltam o fato de que o acúmulo de experiências negativas na vida de uma pessoa tem maior impacto sobre as condições de resiliência, do que um único evento estressor:

"(...) análises mais sofisticadas sugerem que o risco é um processo, e que, por exemplo, o número total de fatores de risco a que uma criança foi exposta, o período de tempo, o momento de exposição ao risco e o contexto são mais importantes do que uma única exposição grave" (Engle, Castle & Menon apud Assis *et al*, 2004, p. 136).

Outros autores consideram que a tolerância ao estresse também varia de acordo com o período de vida em que um evento ocorre na vida de uma pessoa e também se modifica de acordo com a magnitude da situação estressora.

Assim, considerando as descrições de Rutter sobre a possibilidade de ser resiliente frente às adversidades da vida, podemos pensar, retomando as construções teóricas de Winnicott, que o processo de constituição do sujeito tem fundamental importância no sentido de instrumentalizar o indivíduo para lidar com as experiências negativas que surgem ao longo de seu percurso existencial – sem que ele tenha que, necessariamente, buscar suporte no ambiente.

Podemos supor que um indivíduo que pôde, durante a sua primeira infância, ter

uma experiência de integração do ego que possibilitou ao indivíduo drenar – e reconhecer – as pulsões do id, terá mais possibilidade de exercer seu potencial de resiliência diante dos eventos estressores da vida.

## **A questão do adolescente em conflito com a lei e o surgimento das primeiras instituições de internação no estado do Rio de Janeiro**

Antes que possamos discorrer sobre o caso "Sandro Nascimento", tal como revelado no filme "Ônibus 174", é importante destacarmos como o conceito de "menor" foi construído historicamente e como a criação desta categoria tem relação intrínseca com a ideologia presente em diferentes momentos históricos.

Além disso, não há como compreendermos as diferentes configurações familiares – e os valores morais e éticos presentes nas mesmas que são, em última instância, passados de pai para filho – sem antes conhecermos as condições sociais e históricas que perpassam as relações entre os sujeitos.

Já nas primeiras décadas do século XIX surgem as primeiras descrições de atos violentos praticados por crianças e adolescentes:

"Em 1830, o Código Criminal do Império recomendava internação em 'casa de correção' a menores de 14 anos que tivessem cometido - com discernimento - atos indesejados pela sociedade." (Rizzini apud Oliveira e Assis, 1999, p. 2)

No ano de 1923, foi criado o "Juízo de Menores do Distrito Federal", que teve um papel determinante no início do processo de naturalização e cristalização do termo "menor"; em 1927, o Código de Menores oficializou, em definitivo, os modos de ação do estado junto à categoria em questão e determinou que os sujeitos menores de 14 anos não fossem submetidos a nenhum tipo de processo penal – e que os adolescentes de 14 a 18 anos fossem julgados por processo especial. Como resultado da nova legislação, nessas primeiras décadas do século XX, a polícia, incumbida de manter a ordem social, tinha como uma de suas atividades a classificação dos "menores": aqueles que eram tidos como potencialmente perigosos, eram descritos como "menores infratores", enquanto os demais (os que eram encontrados nas ruas, porém, segundo a compreensão da lei, não ofereciam risco à sociedade) eram chamados de "menores abandonados". Configurou-se desta forma uma estratégia de classificação social que

estigmatizou a criança e, em muitos aspectos, associou sua imagem à questão da delinquência.

Em 1941, foi criado o Serviço de Assistência ao Menor que, influenciado pelas ideias fascistas de higienização, consolidou uma preocupação ainda maior com o tema da infância abandonada e as possíveis consequências sociais frente à não assistência ao grupo em questão. Posteriormente, instaurou-se, no ano de 1964, a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM) e seus órgãos executores, alterando a nomeação dada às crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social e criando a categoria "menor carente".

Na década de 70, muitos temas relacionados à problemática do menor foram abordados e, já na década de 80, alguns movimentos sociais relacionados à questão ganharam maior amplitude e visibilidade, possibilitando a modificação da categoria "menor" para "menino de rua". Assim, a Constituição de 1988 teve a questão da criança e do adolescente perpassando a criação de alguns projetos e leis.

Como resultado das discussões realizadas nas décadas de 70 e 80, o Estatuto da Criança e do Adolescente, promulgado no ano de 1990, surgiu no sentido de possibilitar uma mudança no olhar – até então bastante estereotipado – sobre os grupos em questão, buscando garantir a consolidação da concepção de "sujeitos de direitos" e não mais de "menores em situação irregular". Com a implementação do ECA o Código de Menores foi revogado, bem como foi extinta a FUNABEM.

O ECA trouxe muitas mudanças relacionadas à questão das crianças e adolescentes em conflito com a lei; o conceito "menor" foi definitivamente abolido do vocabulário jurídico e aos jovens deixaram de ser perpetradas penas, dando lugar às chamadas medidas sócio-educativas. Dentre elas, destaca-se (para fins de análise do caso de Sandro Nascimento) a medida de internação:

"A medida de internação é aquela que coloca o infrator sob custódia do Estado, privando-o de liberdade total ou parcial. Esta medida só pode ser aplicada pelo juiz em caso de infração cometida por meio de grave ameaça ou violência à pessoa e no caso de reincidência de ato infracional grave. Não há previsão de tempo para a internação, contudo, a permanência do jovem

nesse estabelecimento não pode ultrapassar o prazo de três anos, devendo ser a mesma avaliada a cada semestre. A libertação será compulsória aos vinte e um anos de idade" (Assis e Oliveira e Assis, 1999, p. 3).

Em 1993, ocorria um processo de descentralização das responsabilidades federais sobre a questão das crianças e adolescentes; o que antes era atribuição da União, passou aos governos estaduais. A Chacina da Candelária, na qual Sandro Nascimento perdeu muitos de seus amigos de "dormitório" e que precedeu sua primeira internação, ocorreu em um contexto social e político no qual havia uma tentativa de organização da existência dos "menores" em sociedade.

### **As instituições de internação para adolescentes em conflito com a lei no Rio de Janeiro**

No ano de 1994, existiam no Rio de Janeiro três instituições voltadas para o atendimento de jovens infratores: o Instituto Padre Severino (IPS), criado no ano de 1954, a Escola João Luiz Alves (EJLA), inaugurada no ano de 1928 e o Educandário Santos Dumont (ESD) que, desde sua fundação, atende adolescentes do sexo feminino - exclusivamente.

Consideramos importante ressaltar que, em 1980, o Educandário atendia, simultaneamente, jovens encaminhadas pela Primeira e Segunda Vara da Infância e Juventude, situação que justificava o acolhimento de dois "grupos" distintos no interior da instituição: o primeiro, de adolescentes carentes e sem referência familiar, e o segundo caracterizado por jovens em conflito com a lei. Tal situação implicava em uma divisão de parte do espaço físico, com o objetivo de que os diferentes grupos não se misturassem. Foi apenas no ano de 1994 que o Educandário passou a dar exclusividade ao atendimento das jovens autoras de ato infracional.

## **A história de Sandro, recontada a partir de fragmentos (documentário, recortes de jornais e revistas, depoimentos encontrados em trabalhos acadêmicos)**

Doze de junho de dois mil. Onze reféns. Um sequestrador. O Bope é chamado. A história de Sandro Nascimento, que se torna visível aos olhos da sociedade, começa nesse momento.

O documentário “Ônibus 174” revela a história de um menino que, invisível aos olhos da sociedade, constrói formas de sobreviver. Um dia, possivelmente com o intuito de se fazer notar, sequestra um ônibus e seus passageiros; a história pôde ser reconstruída a partir dos relatos de pessoas que estiveram presentes em algum momento da vida de Sandro – inclusive daquelas que participaram diretamente da tragédia. O rapaz, com 21 anos na época, manteve os reféns dentro do ônibus durante quatro horas e meia e, durante este período, fez inúmeras ameaças à vida das pessoas que ocupavam o veículo. O desfecho, trágico, se deu com a morte de uma das reféns, que antecedeu o assassinato do próprio sequestrador.

Foi a partir do crime cometido, que Sandro pôde ser reconhecido pela sociedade que, até então, era indiferente à sua existência. De acordo com os fragmentos depois reconstituídos de sua biografia, o rapaz viveu com sua mãe biológica até os três anos de idade. Após este período foi adotado por Clarisse, conhecida de sua mãe, que se dispôs a cuidar dele, já que a mãe alegava não ter condições financeiras de criar seu filho.

No ano de 1988, data em que Sandro teria dez anos aproximadamente, o garoto presenciou o assassinato de sua mãe adotiva, que foi esfaqueada pelas costas enquanto trabalhava em seu estabelecimento comercial. Na ocasião, Clarisse estava grávida de cinco meses e, segundo a tia de Sandro, que foi por ele chamada no momento da ocorrência, o bebê mexia muito em sua barriga. “Devia estar acabando o oxigênio” foi a conclusão da tia que, apesar de se esforçar, não conseguiu salvar a vida da mãe e tampouco a do bebê. Sandro nunca conheceu seu pai biológico e não há relatos de que tenha havido um pai adotivo.

No dia do enterro de Clarisse, Sandro é convidado pela tia para acompanhá-la, mas ele diz que vai brincar de bolinha de gude. Desde então, segundo o relato da tia, o menino revela uma dificuldade de lidar com o ocorrido e, certo dia, vai para a rua e não volta mais. A partir daí, passa a não ter mais residência fixa, buscando seu lugar nas ruas, junto de outros meninos e meninas.

Sandro jamais escondeu de seus companheiros de rua a tragédia familiar pela qual passou. Segundo o relato de alguns deles, o menino tinha muitos momentos de introspecção e às vezes se retirava do grupo para ficar sozinho e “refletir” (termo utilizado por Sandro). O discurso dos meninos e meninas que vivem nas ruas reflete uma necessidade premente de encontrar meios de subsistir; reclamam da falta de oportunidade e revelam que, em algumas ocasiões, não há outra forma de sobreviver que não seja furtando.

Nas ruas, Sandro era conhecido por seus amigos como “Mancha”, apelido que lhe foi atribuído em razão de um sinal de nascença. Alguns de seus companheiros relatam que ele roubava no sinal para comprar cocaína.

Em 1994, Sandro esteve presente no evento conhecido como Chacina da Candelária – sobre o qual discorreremos mais adiante – perdendo muitos de seus amigos de “dormitório” em uma noite de terror. Um ano mais tarde, teve que cumprir sua primeira medida sócio-educativa, em regime de internação, passando a integrar o grupo de adolescentes do Instituto Padre Severino. Nesta ocasião houve uma tentativa, por parte da equipe técnica da instituição, no sentido de fazer Sandro aproximar-se de sua família e, mais especificamente, da tia que o acompanhou durante algum tempo logo após a morte de sua mãe adotiva. Alguns relatos de amigos de Sandro revelam o despreparo dos funcionários que compunham a equipe dos locais destinados a receber os adolescentes autores de ato infracional: *“Fui preso umas vinte vezes ou mais (...) e não aprendi nada (...) os funcionários espancava nós”* (amigo de Sandro, que esteve com ele no Instituto Padre Severino).

Já adulto, em dezessete de fevereiro de mil novecentos e noventa e oito, Sandro faz um assalto a mão armada e vai preso. Fica encarcerado no 26º Distrito Policial, caracterizado pelos indivíduos detidos como sendo um local marcado por condições subumanas; na época de sua prisão, Sandro dividiu uma cela que deveria acomodar no

máximo dez pessoas, com mais quarenta pessoas aproximadamente. Segundo relatos, não havia no local espaço para banhos de sol e, nas celas, as temperaturas chegavam a atingir os cinquenta graus centígrados.

De acordo com um funcionário da instituição, Sandro nunca recebeu visitas durante o tempo que esteve preso. O rapaz fugiu em 1º de janeiro de 1999. Nesta ocasião, ligou para sua tia pedindo que ela lhe comprasse um tênis e garantiu a devolução do dinheiro, assim que fosse possível; na época, contou à tia sobre uma casa no bairro Nova Holanda e disse que se estabeleceria lá daquele momento em diante.

No Nova Holanda Sandro conheceu uma senhora, com quem estabeleceu um vínculo forte, passando a chamá-la de mãe. Morou em sua casa durante algum tempo e, em uma ocasião, falou a ela sobre sua intenção de fazer sucesso, de aparecer na televisão: *“Se eu não ver, a senhora vai ver”* (relato de Sandro sobre o dia em que apareceria na TV). Sandro concretizou seu desejo no dia 12 de junho de 2000.

O sequestro do ônibus da linha 174 mobilizou a atenção da sociedade carioca que, durante quatro horas e meia, acompanhou o drama vivido por Sandro e seus reféns.

Não se sabe ao certo por que Sandro escolheu ir até o Jardim Botânico e entrar no ônibus naquele fatídico dia, mas é certo que, quanto mais ele percebia a possibilidade de ser reconhecido pelos olhares da polícia e da imprensa, mais se sentia forte e poderoso.

Durante o período em que esteve junto com os reféns, relatou a eles que não tinha nada a perder, pois toda a sua família havia morrido. Segundo as vítimas do sequestro, ele estava descontrolado e insistia que todos se esforçassem para passar aos policiais a ideia de que estavam com muito medo.

“Nós não tínhamos ainda resolvido a tragédia Candelária e já estávamos vivendo uma outra tragédia que era, em certo sentido, uma extensão daquela primeira; Sandro que é vítima da Candelária agora se converte no algoz do novo drama, quase que para nos acordar para ao fato de que nós precisamos resolver essa questão que é maior. É maior que a Candelária, é maior

que 174, que Vigário Geral e que todas as nossas tragédias cotidianas” (depoimento de Luiz Eduardo Soares, Sociólogo, entrevistado do documentário).

De fato, o sequestro possibilitou que Sandro tivesse seus “momentos de fama” mas, para a maioria que assistia ao desenrolar da ocorrência, o rapaz foi visto como o bandido que deveria ser apagado o mais rápido possível.

Muitas tentativas de negociação com Sandro foram realizadas. Durante as horas em que o rapaz permaneceu com os reféns, a polícia recebeu ordens expressas, vindas da Secretaria de Segurança, para não atirar nele. Em muitos momentos Sandro se dirige aos policiais fazendo ameaças e revelando uma tentativa de mostrar-se potente dizendo, por exemplo: *“Da mesma forma que vocês é perverso, eu também não sou de bobeira não”*.

De acordo com uma das reféns, havia um diálogo paralelo que acontecia, simultaneamente, entre Sandro e os passageiros e entre ele e a polícia; enquanto, do lado de dentro, ele exigia que os reféns simulassem um grande desespero decorrente do medo de serem assassinados (embora dissesse que tal situação não se concretizaria), a conversa com os policiais seguia no sentido de uma constante ameaça à vida das pessoas de dentro do ônibus.

Em alguns momentos, Sandro estabelece um diálogo relativamente calmo com os passageiros, sendo até mesmo capaz de compreender a peculiaridade de alguns casos; assim, liberta um dos reféns, tão logo o identifica como estudante – a linha 174 passava pela PUC – RJ. Mais tarde, também liberta Damiana, uma das passageiras, que alega ter um filho preso e, por conta disso, ser capaz de reconhecer as dolorosas experiências de Sandro durante todo o tempo em que esteve preso.

A situação segue tensa, até pouco depois das seis horas da tarde, quando então Sandro resolve descer do ônibus, armado, acompanhado de uma das passageiras, Geísa. Tão logo se aproxima da “plateia”, um dos atiradores se posiciona ao seu lado e dispara um tiro em direção à sua cabeça. Contudo, ao perceber a aproximação, o rapaz se abaixa e quem leva o tiro – fatal – é Geísa.

Sob intenso furor por parte dos espectadores da cena, Sandro é colocado no camburão da polícia onde, momentos depois, morre asfixiado pelos policiais. Sobre este acontecimento, os relatórios policiais falam da necessidade de um sufocamento com o intuito de conter Sandro que, segundo a polícia, estava muito nervoso e descontrolado.

Vale ressaltar que, atualmente, os policiais envolvidos no crime continuam na ativa, depois de terem sido absolvidos por júri popular.

### **Alguns relatos de pessoas que conviveram com Sandro ao longo de sua vida**

Segundo muitos de seus companheiros de rua, Sandro era um rapaz bastante quieto, que chegou às ruas muito marcado pelas experiências de morte e separação. De acordo com um de seus amigos, o menino chegou às ruas como “inocente” (como todos os demais, segundo ele) e, gradualmente, foi aprendendo formas – que se contrapõe às regras sociais – de sobreviver. *“Mancha veio para a rua e aprendeu a sobreviver (...) temos que correr atrás”*. (Depoimento de colega de Sandro.)

DEPOIMENTO DE YVONE BEZERRA DE MELLO (Artista plástica que, desde antes da Chacina da Candelária, dedicava-se a cuidar do grupo de meninos e meninas do qual Sandro fazia parte)

Yvone conheceu Sandro ainda menino e cedo tomou conhecimento de sua trágica história; sempre foi muito solicitada pelos meninos e meninas moradores das ruas e sempre se mostrou muito disponível no sentido de atender as suas solicitações.

A artista plástica esteve presente na noite da Chacina da Candelária, garantindo apoio às crianças e adolescentes vítimas do ocorrido. Segundo pesquisa realizada por Yvone, na época em que os assassinatos ocorreram, 69 crianças e adolescentes viviam na região. A Chacina deixou sete vítimas. Dos 62 sobreviventes, 39 foram assassinados tempos depois e muitos desapareceram; os que se mantiveram vivos se mantêm, segundo ela, em condições precárias.

## RELATO DE OUTRA FIGURA IMPORTANTE NA VIDA DE SANDRO: DNA. ELZA

Pouco tempo antes de sequestrar o ônibus, Sandro se mudou para o bairro Nova Holanda e lá estabeleceu um vínculo com uma senhora de nome Elza. Segundo relatos de pessoas entrevistadas para o documentário, Sandro a chamava de mãe e havia uma relação de respeito mútuo entre os dois.

Dna. Elza, em entrevista para o documentário, relata que providenciou em sua casa um quarto para Sandro e o acolheu como se fosse seu filho; diz que o rapaz gostava de dormir no chão (possivelmente por estar acostumado à vida nas ruas) e que tinha total privacidade. Contudo, segundo Dna. Elza *“Sandro tinha força de vontade (...) mas alguma coisa desviava ele...”*.

É exatamente sobre esta “coisa que o desviava” que buscamos uma orientação para a análise do caso “Sandro Nascimento”.

## **A (des) ordem social e a legitimação da violência: a Chacina da Candelária**

A importância de descrevermos os fatos ocorridos na noite de 23 de junho de 1993, no evento que ficou conhecido como "Chacina da Candelária", decorre da consideração de que as sequelas físicas e psicológicas deixadas em suas vítimas passaram a fazer parte da história individual das crianças e adolescentes que estiveram presentes nesse violento acontecimento. Sandro Nascimento, com 14 anos na época, teve alguns de seus amigos assassinados de maneira cruel na data em questão.

*"Passava de meia-noite e uns quarenta desses 'meninos de rua', que a miséria privou de um teto, dormiam sob as marquises do generoso pé-direito de edifícios que margeiam a Igreja da Candelária. Estavam embrulhados em cobertores puídos no chão forrado por trapos de carpete. Chegaram dois Chevettes, um claro, que na escuridão foi descrito como bege ou amarelo, outro café-com-leite, com uma faixa marrom nas laterais, confundido com um taxi. Do bege saíram quatro homens; do mais escuro, pouco depois, outros dois. Os homens foram direto em direção a um garoto de cabelo oxigenado (...) Seguiu-se a barulheira de uma fuzilaria. Marco Antônio Russo [o líder dos meninos da Candelária] e seus vizinhos foram os primeiros atingidos à queima-roupa, com precisão profissional. Tiros, quase sempre na cabeça, mataram três na hora. Um deles, cambaleante, ainda atravessou a rua e emborcou na grama, em frente à igreja (...) A madrugada de horrores não ficou aí. Não se sabe direito se pouco antes ou pouco depois do banho de sangue um Chevette amarelo, muito possivelmente o mesmo da chacina, abordou três*

*rapazes a 500 metros da Candelária. Enfiados no carro, eles foram baleados e atirados em frente ao Museu de Arte Moderna, a 3 quilômetros da outra matança. Dois morreram. Wagner dos Santos, 22 anos, escapou com uma bala que se alojou na nuca, a milímetros da coluna cervical."*  
(Revista Veja, 23 de junho de 1993.)

A cena descrita pelo repórter, não identificado, da Revista Veja, revela a violência presente no ato dos criminosos – que posteriormente foram reconhecidos como policiais militares. Havia, já há algum tempo, uma situação de conflito entre a polícia e os "meninos de rua" da região. Enquanto Yvonne Bezerra de Mello, a artista plástica apresentada no filme, esforçava-se para garantir os direitos básicos de cidadania a estas crianças e adolescentes, parte da população do Rio de Janeiro apoiava a brutalidade cometida; "*Deviam ter matado todos*", "*Esses pivetes têm que morrer*" e "*Ainda foi pouco, deviam arrancar a cabeça deles*" foram algumas das falas de moradores que ligaram para um número de telefone criado com o intuito de contribuir para a elucidação do caso "Candelária". Entendemos, com estes esclarecimentos, que não é possível para um ser humano sair ileso, física e psicologicamente, de uma situação como a descrita.

Consideramos importante ressaltar que, no caso de Sandro, a experiência vivida na Candelária possibilitou ao rapaz reviver, de forma muito negativa, as experiências de perda, separação e luto.

## Discussão

Os estudos de Freud e Winnicott foram – e têm sido – de grande valor para a compreensão dos processos de constituição do sujeito. Por meio deles, torna-se possível uma ampla compreensão de como os primeiros vínculos estabelecidos entre o indivíduo e seu meio são de fundamental importância para uma construção saudável de sua vida psíquica.

As experiências que nos são transmitidas pelas figuras parentais são, em grande medida, resultado das vivências de nossos progenitores na sociedade em que estão inseridos. Assim, ao pensarmos a construção psíquica de um sujeito, não podemos desconsiderar a realidade social e histórica, vinculada às relações que o mesmo vai estabelecendo com seu mundo.

Desta forma, convém retomarmos a importância de um trabalho multidisciplinar para a compreensão das histórias dos muitos Sandros de nossa sociedade atual; se pudermos pensar que o processo de constituição psíquica tem relações intrínsecas com as manifestações sociais e culturais de cada momento histórico, devemos então nos dispor a compreender a violência – e todas as suas consequências – sob a orientação de diferentes disciplinas.

A partir destas considerações, podemos agora analisar a história de Sandro Nascimento, que viveu sob a opressão de sua sociedade até o momento em que pôde, por algumas horas, tornar-se – possivelmente pela primeira vez em sua vida – protagonista de uma história na qual sentiu ter poder.

Para uma primeira análise, é de suma importância considerar que Sandro nunca teve pai – ou, melhor dizendo, nunca o conheceu. A partir daí podemos pensar que as primeiras relações estabelecidas entre ele e sua mãe não foram barradas pela figura paterna. Por outro lado, é importante considerarmos que a própria mãe biológica de Sandro, que cuidou dele em seus três primeiros anos de vida, não teve o suporte necessário – que, na maioria das vezes é garantido pela presença da figura paterna – durante o estabelecimento dos primeiros vínculos entre ela e seu filho.

Podemos supor que Sandro não teve, na maior parte de sua primeira infância, um lar capaz de suportar os resultados de suas experiências de destruição; tal

possibilidade é verificada pelo fato de sua mãe biológica ter lhe encaminhado para adoção e por revelar à pessoa que o adotou a grande dificuldade financeira pela qual estava passando. São muitos os estudos, sob a perspectiva de diferentes abordagens em Psicologia, que revelam a influência, sobre o processo de constituição psíquica, da desigualdade de acesso aos direitos de cidadania; podemos supor que, sob intensa condição de vulnerabilidade social, as possibilidades de se manter um ambiente estável que dê o suporte necessário para o processo de constituição do sujeito ficam muito mais limitadas.

Neste momento, cabe ressaltar que, de forma alguma, entendemos que as populações socialmente desfavorecidas têm menos possibilidade de criar seus filhos de maneira que se tornem indivíduos saudáveis e capazes de estabelecer relações significativas; apenas consideramos que, quando faltam condições básicas de sobrevivência, as prioridades das famílias são construídas no sentido de garantirem subsistência para seus filhos e, às vezes, a qualidade das relações entre os diferentes membros pode ficar em segundo plano.

Mas retornemos ao caso “Sandro”. O rapaz foi separado de sua mãe biológica aos três anos de idade, momento este em que, segundo a Psicanálise, a criança busca ativamente exercer seus impulsos de destruição e, em seguida, de reparação. Podemos supor que Sandro pode ter se responsabilizado pelo desaparecimento da figura materna e, assim, ter vivenciado um intenso sentimento de culpa sem, contudo, poder reparar o dano que acreditou ter sido de sua responsabilidade. Na impossibilidade de reparar o prejuízo causado ao outro, a culpa – e a impotência, que ocorre simultaneamente – pode se tornar inconsciente e, a partir de então, passar a ter influência significativa sobre as relações que o sujeito estabelecerá com os demais; assim, ao perceber a falta de controle sobre os impulsos agressivos do id (estes gerados pelos sentimentos acima descritos), a criança pode sentir sua atuação no mundo como um risco para os demais. Uma consequência possível desse processo é a impossibilidade de se sentir digna de amor, buscando no ambiente oportunidades de inverter essa situação.

Já com dez anos, Sandro presenciou o assassinato de sua mãe adotiva e, embora na época não tenha manifestado sofrimento, sua reação posterior (de fuga e

introspecção) revelaram o intenso conflito emocional e psíquico gerado pela situação.

Desde o dia em que vai morar nas ruas, o rapaz passa a se identificar com algumas figuras que partilham sua luta por sobrevivência. Assim, como em todo processo de identificação, Sandro introjeta características dos indivíduos que passam a ser, para ele, figuras de referência; tais indivíduos, que tiveram importância significativa em parte da infância e toda a adolescência de Sandro, faziam das ruas um espaço de luta pela sobrevivência, mas também de busca por uma identidade própria; cuidavam uns dos outros, sempre orientados por um líder que, teoricamente, seria o mais experiente do grupo.

Nas ruas, a moralidade que rege a sociedade contemporânea não encontra reconhecimento; os meninos e meninas criam suas próprias leis, que estão fundamentalmente relacionadas às suas necessidades de sobrevivência. Sobre tal fato, inquestionável, cabe pensarmos: por que estes meninos e meninas deveriam se orientar pelas mesmas leis (que caracterizam os limites de atuação dos diferentes cidadãos) se eles não têm seus direitos garantidos? Então, raciocinemos mais adiante: quais valores morais e éticos puderam ser transmitidos a estes sujeitos que cortaram todos os vínculos com suas respectivas famílias? E mais: o que os levou para as ruas?

Sabemos que, embora gozem de certa “liberdade” para atuarem da maneira que consideram mais conveniente, os moradores de rua (me refiro também aos adultos) sequer têm conhecimento de seus direitos básicos que são: direito à educação, direito à saúde, direito à moradia, etc.

Em *A tendência antissocial*, texto escrito por Winnicott no ano de 1956, o autor relata que inúmeros atos que revelam inadequação aos espaços e contratos sociais, revelam a esperança individual no sentido de reencontrar o objeto perdido.

Assim, os estudos do referido autor revelam que, quando há separação ou a impossibilidade do estabelecimento de um vínculo satisfatório na relação mãe e filho, a criança tende a buscar no ambiente um reconhecimento e a satisfação de seus desejos. Quando a criança busca satisfação libidinal e não é atendida, sua raiva pode ser intensificada, assim como sua culpa. As manifestações de agressividade podem surgir então, como uma tentativa de organização do mundo interno; ao perceber o potencial destrutivo de seu mundo interno, ela tende a representá-lo em uma tentativa

de provocar o controle por parte de uma autoridade externa. Ou seja, é apenas com o auxílio do ambiente externo, que os impulsos – sejam eles eróticos ou agressivos – podem ser barrados. A partir destas considerações, podemos pensar que Sandro, para além da necessidade de sobreviver, buscou, por meio de atos denominados antissociais, o reconhecimento e os limites de sua destrutividade.

Longe de podermos encerrar as explicações sobre as questões que levam crianças e adolescentes a cometerem atos infracionais, consideramos importante abordarmos algumas características da sociedade contemporânea: vivemos em uma época marcada pelo individualismo, em que tudo aquilo que nos incomoda é descartado ou, quando isto não se faz possível, simplesmente retirado de nossas vistas. A atualidade é marcada pela exclusão e pelo hedonismo, este caracterizado pela desconsideração do outro como ser humano, ser de direitos.

Assim, os muitos Sandros que integram nossa sociedade são vistos como sinônimo daquilo que atrapalha a boa convivência entre indivíduos “civilizados”, mais adequados às regulações sociais. Assim, como diz Luiz Eduardo Soares:

“Se nós acrescentarmos a invisibilidade, o drama natural da adolescência, nós compreenderemos quão difícil é esse trânsito, essa trajetória desse menino; de um Sandro qualquer da vida pelas cidades, esse ser invisível.”

Se durante muitos anos Sandro permaneceu sem referências familiares, participando como um ator passivo nos espaços marcados pela exclusão social, ao se mudar para o bairro Nova Holanda conheceu uma figura com a qual se identificou, demonstrando assim ter ainda, integrado ao seu ego, referência de figuras que, em tempos passados, puderam lhe dar afeto e acolhimento; Dona Elza foi a pessoa que o acolheu e lhe garantiu um lugar para morar, despertando em Sandro a esperança de construir algo para si diferente de como vinha fazendo.

O rapaz começa a pensar em trabalhar, embora rapidamente verifique a impossibilidade de se empregar, por não ter experiência profissional e, cabe lembrarmos, por sua condição de ex-detento (situação que gera um enorme preconceito).

Ainda assim, Sandro nunca deixou de sonhar com seus momentos de glamour; disse para Dona Elza que encontraria meios de aparecer na televisão e que, mesmo que não conseguisse ver a própria imagem – no momento em que o sonho se tornasse realidade – ela teria oportunidade de fazê-lo. E foi assim, sequestrando o ônibus 174, que Sandro, ainda que inconscientemente, pôde tornar-se visível e dramatizar o medo e a agressividade há tanto contidos.

É de causar perplexidade a forma como os espectadores, ou seja, todos aqueles que presenciaram o desenvolvimento da ocorrência policial, fizeram de Sandro um algoz extremamente potente; de fato, ninguém conseguiu barrar sua atuação de outra forma que não fosse por meio de seu extermínio. Naqueles poucos momentos em que o rapaz esteve dentro do ônibus junto dos reféns, parece ter se sentido assustadoramente potente, apesar de seus descontroles emocionais.

Na entrevista, revelada no filme, com uma das reféns, ela relata que *“Sandro estava descontrolado e falava que a família tinha morrido e que ele não tinha nada a perder”*. Realmente o rapaz já havia tido muitas perdas em sua vida, que certamente haviam trazido dor e sofrimento; no momento do sequestro, da condição de invisibilidade Sandro passou à de diretor, não somente de sua vida, como também da de seus reféns.

É curioso pensarmos que, possivelmente pela primeira vez em sua vida, Sandro pôde ser protagonista de sua própria história e, mais do que isso, pôde também modificar, por meio de suas ações, ainda que de maneira efêmera, sua condição de invisibilidade.

*“Sandro impôs sua visibilidade (...) redefiniu o relato social (...) em uma cena em que ele era o protagonista.”* (Luiz Eduardo Soares)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de encerrarmos nossas análises, consideramos relevante refletir sobre uma questão bastante atual, tratada por Calligaris em um artigo escrito para o jornal Folha de S. Paulo, de 24 de setembro de 2009. Em seu texto, o autor trata de discutir dois projetos de lei e as premissas nas quais estão fundamentados; o primeiro deles, criado pelo deputado federal Carlos Bezerra (PMDB-MT), trata da questão do dever dos pais no sentido de garantirem sua presença e seu amor na educação de seus filhos, sob a pena de terem de pagar uma indenização àqueles que tenham sido abandonados afetivamente. Além disso, o mesmo projeto ressalta que, reciprocamente, os filhos também devem estar presentes e dispensarem amor aos seus pais, quando da velhice dos mesmos.

O segundo projeto de lei, do Senador Marcello Crivella (PRB-RJ), trata exclusivamente do abandono afetivo das crianças e criminaliza a falta de “assistência moral”, penalizando os criminosos com detenção de um a seis meses.

Contudo, alguns estudos em Psicologia e Psicanálise sugerem que, como ressalta Calligaris: *“contrariamente ao que gostaríamos de acreditar, o amor entre pais e filhos não é incondicional, mas é parecido com os outros amores de nossa vida, tem razões para surgir, para acabar ou mesmo para se tornar ódio”*; pais e mães aprendem a reconhecer seus filhos e suas necessidades ao mesmo tempo em que vão descobrindo formas de exercerem o novo papel que lhes é colocado. Pensemos então que, sob condições de alto risco pessoal (uso de drogas, exposição a doenças sexualmente transmissíveis, etc.) e social (baixa renda, falta de acesso aos recursos de saúde e educação, etc.) as possibilidades de construção destes vínculos de afeto recíproco tornam-se muito mais limitadas.

Além disso, devemos lembrar que os pais transmitem aos seus filhos aquilo que, durante seu processo de constituição psíquica, internalizaram como sendo “certo” e “errado”; a construção destes valores, como já dito anteriormente, está impregnada pela cultura de cada sociedade e, paralelamente, às condições históricas das diferentes épocas. E podemos ir mais além: pensemos que, dentro de uma mesma sociedade, a desigualdade de distribuição de renda, ao permitir o surgimento e agravamento de

diversos problemas sociais, possibilita que valores morais e éticos não sejam compartilhados por todos os indivíduos. Afinal, onde está a ética daqueles que, sob condições sociais favoráveis, permitem a invisibilidade de um outro ser humano?

Por fim, gostaríamos de ressaltar que o presente trabalho constitui apenas uma dentre as muitas possibilidades de análise das escolhas feitas por estes atores invisíveis, os “Sandros Nascimento”, que revelam a produção em série da exclusão social.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Simone G. et al. Risco e Proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, v. 20, n. 2, p. 135-143, Maio-Agosto. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n2/a06v20n2.pdf>> Acesso em: 10 set. 2009.

BOWLBY, John. *Formação e rompimento dos laços afetivos*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRASILIANSE, Danielle R.; BARBOSA, Marialva Carlos. Mudanças na madrugada: a presença do acontecimento e a tessitura da ordem narrativa. *Contemporânea: Revista de Comunicação e Cultura*. Rio de Janeiro, v.4, n.2, p.83-113, Dezembro. 2006. Disponível em <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/viewFile/3492/2548>>. Acesso em: 16 out. 2009.

CALLIGARIS, Contardo. Artigo escrito para o jornal Folha de São Paulo. São Paulo, 24 set. 2009.

A CHACINA das crianças da Candelária. Revista Veja. 28 de julho de 1993. Disponível em:<[http://veja.abril.com.br/idade/em\\_dia\\_2001/reportagens/reportagem\\_candelaria.html](http://veja.abril.com.br/idade/em_dia_2001/reportagens/reportagem_candelaria.html)> Acesso em: 19 out. 2009.

FONTES, Fátima Cristina Costa. *A força do afeto na família: uma possibilidade de interrupção da prática infracional de adolescentes em liberdade assistida*. São Paulo, 2004. Dissertação (mestrado em Psicologia Social) – Programa de Estudos pós-graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

FREUD, Sigmund (1921). A identificação. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 115-120.

\_\_\_\_\_, (1923). O Ego e o Id. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 33-40

\_\_\_\_\_, (1923). O Ego e o Superego (Ideal do Ego). In: *Edição Standart Brasileira das*

*Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 41-52.

\_\_\_\_\_, (1924). A dissolução do Complexo de Édipo. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 193-199.

\_\_\_\_\_, (1925). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 277-286.

\_\_\_\_\_, (1932/33). A dissecção da personalidade psíquica. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 63-84.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

OLIVEIRA, Maruza B.; ASSIS, Simone G.. Os adolescentes infratores do Rio de Janeiro e as instituições que os "ressocializam". A perpetuação do descaso. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, Oct. 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1999000400017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1999000400017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 13 out. 2009.

ÔNIBUS 174. Direção: José Padilha. Produção: José Padilha e Marcos Prado. Brasil, 2002.

SILVA, Leci Muniz da. Acting out e transferência: mancha da candelária via 174. *Revista da SPAGESP*. Ribeirão Preto, v.4, n.4, p. 92-102, Dezembro. 2003. Disponível em <[http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702003000100013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702003000100013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 4 nov. 2009.

SOBREVIVENTE Refugiado. *JB Online*. 24 de abril de 2005. Disponível em: <<http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cidade/2005/04/23/jorcid20050423005.html>> Acesso em: 19 out. 2009.

WINNICOTT, Donald Woods. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. *A criança e o seu mundo*. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

\_\_\_\_\_. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

\_\_\_\_\_. *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

\_\_\_\_\_. *Privação e delinquência*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

#### BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

DOLTO, Françoise. *Inconsciente e destinos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

TRASSI, Maria de Lourdes. *Adolescência- violência: desperdício de vidas*. São Paulo: Cortez, 2006.

VICENTIN, Maria Cristina G. *A vida em rebelião: jovens em conflito com a lei*. São Paulo: Hucitec: Fapesp: 2005.